

A COLABORAÇÃO DE MATTOSO CÂMARA EM *A CIGARRA* (1957 – 1960)

Carlos Eduardo Falcão Uchôa
UFF

O conhecedor da obra de Mattoso Câmara sabe que as resenhas críticas ou resenhas são numerosas em sua profícua produção intelectual. Na verdade, desde muito cedo, ele se preocupou em avaliar obras que julgava úteis aos estudiosos da linguagem. Assim é que resenhou obras de um Trubetzkoy, de um Jakobson, de um Swadesh, de um Ginneken, de um Kainz, de um Sturtevant, de um Terracini, de um Diego Catalán, de um Paiva Boléo, de um Herculano de Carvalho, entre muitos outros. Esta parte de sua bibliografia exerceu, nas décadas de 40, 50 e 60, um importante papel para a difusão das idéias de muitos lingüistas entre nós, divulgadas através do filtro crítico de um lingüista atualizado e sagaz.

Mattoso Câmara escreveu, no período de 57 a 60, para uma revista, de grande circulação na época, destinada ao público leitor em geral, o que ele chamou de *notícias críticas*. Trata-se de sua colaboração em *A Cigarra*, revista mensal da editora *O Cruzeiro*, na seção, que geralmente ocupava uma página, intitulada *Livros*. Nesta página, dava-se notícia de duas ou três obras, quase sempre literárias, publicadas recentemente. Foram colaboradores desta seção importantes representantes da intelectualidade brasileira: Aurélio Buarque de Holanda, José Paulo Moreira da Fonseca, Cassiano Ricardo, Ledo Ivo, Afrânio Coutinho, Eduardo Portela, Paulo Rónai, Otto Maria Carpeaux, Eugênio Gomes, Pedro Calmon, José Lins do Rego, Euryalo Canabrava, Cecília Meireles e Darcy Ribeiro.

Mattoso Câmara escreveu 12 dessas notícias críticas para *A Cigarra*, a saber: *Teatro de Martins Pena*, edição crítica de Darcy Damasceno; *Iniciação à filologia portuguesa*, de Gladstone Chaves de Melo; *A análise matemática do estilo* – aplicação do processo de Fucks a obras literárias em português e espanhol, de Túlio Hostílio Montenegro; *Dificuldades da língua portuguesa*, de M. Saïd Ali; *O ensino do latim* (doutrina e métodos), de Sílvio Elia e *Didática especial de português*, de Leodegário de Azevedo Filho (num mesmo

número); *Pontos de gramática histórica*, de Ismael de Lima Coutinho; *Exercícios de português*, de M. Cavalcanti Proença e *100 textos errados e corrigidos*, de Hamilton Elia e Sílvio Elia (num mesmo número); *Dicionário de sinônimos*, de Antenor Nascentes; *Pequena Gramática para explicação da nova nomenclatura gramatical*, de Adriano da Gama Kury; *Vakomono! Oti*, 1, Cartilha Terena e *Gramática do latim vulgar*, de Th. Henricque Maurer.

Embora tais *notícias críticas* não tenham peso maior no conjunto da obra mattosiana, nelas se encontram aspectos expressivos que marcam o pensamento do intelectual e do lingüista brasileiro.

O primeiro aspecto a ser observado diz respeito ao apreço de Mattoso Câmara pelos estudos filológicos, selecionando para algumas de suas *notícias críticas* obras que traduziam os interesses centrais da filologia brasileira: o estabelecimento de bases doutrinárias sólidas, como a *Iniciação à filologia portuguesa*, de Gladstone Chaves de Melo ou as *Dificuldades*, de Said Ali, que opunham o estudo filológico ao improvisado ou amadorismo freqüente em tantos estudos sobre a língua entre nós; a preocupação com os estudos diacrônicos, refletida na *Gramática histórica*, de Ismael Coutinho; o preparo de edições críticas, como a concernente ao teatro de Martins Pena e, por fim, a atenção com as pesquisas românicas, como a obra sobre o latim vulgar de Maurer.

Mattoso Câmara inicia, na verdade, a partir dos anos 40, um novo discurso sobre a linguagem no Brasil, marcado pela preocupação com a análise e compreensão do fenômeno lingüístico, pelo referencial teórico novo entre nós representado pelo estruturalismo e pela sua visão antropológica da linguagem. A obra dele traduz, com efeito, um outro paradigma no processo histórico dos estudos sobre a linguagem no Brasil. Arauto embora de um novo discurso, o lingüista brasileiro não se volta contra o discurso filológico, então ainda flagrantemente dominante entre nós nas décadas de 40, 50 e 60, período que cobre essencialmente o da sua produção intelectual. Mattoso Câmara mostra-se leitor atento dos nossos mais credenciados filólogos, a cuja contribuição ao estudo da língua não poupa elogios.

Em sua *notícia crítica* sobre a obra de Ismael Coutinho, considera “uma regra salutar, no trato dos livros, o de não exigir de uma obra aquilo que ela não pretendeu nos dar e apenas julgá-la pelo que ela quis ser”. Assim, Mattoso Câmara “situa em alto nível” a obra de Ismael Coutinho: “e, em cotejo com as obras clássicas de Cornu, Huber, Nunes, Ed. Williams, se tem menor profundidade da matéria em certos pontos, compensa-o por uma visão mais ampla e uma base mais explícita de lingüística geral”. “Louvemos, portanto, sem maiores restrições, esta *Gramática Histórica*, que soube ser tão ricamente informativa, bem orientada, bem planejada e segura dentro do quadro tradicional em que voluntariamente se colocou”. (grifei)

A Said Ali, a quem dedicaria importante ensaio, se reporta em sua *notícia crítica* de *A Cigarra* como “o velho mestre, no seu verdadeiro papel de pioneiro da lingüística propriamente dita”. Insurgindo-se Mattoso Maia contra a “filologia míope dos textos clássicos, feitos paradigmas do que se deve dizer em pleno século XX”, reconhece que “soube Said Ali encarar os textos clássicos como base e documentação do estudo evolutivo da língua e dar à gramática expositiva sua sistemática lúcida e sagaz”.

Maurer, com sua *Gramática do latim vulgar*, é exaltado como autor do “trabalho mais amplo e completo no gênero” em língua portuguesa. “É comparável ao que fez algumas décadas atrás o professor norte-americano C. H. Grandgent”.

Antenor Nascentes foi outro filólogo brasileiro por quem Mattoso Câmara sempre nutriu forte simpatia e admiração, vindo a dedicar-lhe também substancioso ensaio. Em *A Cigarra* dedica uma de suas *notícias críticas* ao *Dicionário de sinônimos* de Nascentes. Em tal notícia exalta a capacidade de o filólogo “traduzir, com máxima singeleza, idéias que são fruto de uma das culturas filológicas mais cabais e profundas que se encontram no magistério brasileiro”. E acrescenta, como perspicaz conhecedor da obra de Nascentes: “O seu pendor para associar intimamente a linguagem com a vida, à maneira de Bally (...) o torna especialmente apto para esse estudo filológico que é o lexical”.

Ao preparo de edições críticas – meta prioritária da Filologia –, exalta Mattoso Câmara como “Um dos aspectos promissores da filologia contemporânea no Brasil (...) a atenção que lhe vêm merecendo os autores nacionais”, opinião manifestada em sua *notícia crítica* sobre o teatro de Martins Pena, em edição crítica de Darcy Damasceno. É ainda elogiosa a sua opinião quanto ao cuidado na edição de textos científicos, como a publicação da 5ª edição de *Dificuldades* de Said Ali, por cujo estabelecimento e revisão de texto foi responsável Maximiano de Carvalho e Silva, “que, em virtude da escrupulosa e competente exação com que trabalha, é pessoa altamente qualificada para tal mister”.

Se Mattoso Câmara era, então, à época das *notícias críticas* (1957-1960) de *A Cigarra*, uma figura pode-se dizer isolada no contexto brasileiro, pela direção que imprimira aos seus estudos e à sua produção, isto jamais fê-lo depreciar ou desvalorizar as obras dos mais representativos cultores da ciência filológica brasileira, com a ampla compreensão de que era necessário “engrenar o pensamento atual com o passado, condição precípua para desenvolvermos uma ciência lingüística bem plantada em nosso meio e sem maior solução de continuidade no tempo”. (Câmara Jr., 1972, p. 172).¹

¹ CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Dispersos*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1972.

Esta afirmação faz parte do texto de uma palestra sobre João Ribeiro proferida na Academia Brasileira de Filologia em 1960, a que acrescentaria eu esta outra passagem, para marcar a posição de Mattoso Câmara sobre o estudo científico em seu processo histórico: “não examiná-los (os antigos gramáticos) com a superioridade tola de quem sobre eles está adiantado, apenas, por força do viver numa época mais adiantada que a deles; mas estudá-los com carinho procurando apreciá-los em sua própria época e sobretudo depreender o que há de valioso e rico numa exposição que à primeira vista pode nos parecer obsoleta, ou até inteiramente superada”. (p. 184) ²

Constata-se, pois, que o intento de Mattoso Câmara identifica-se com a proposta recente de criação de um Grupo de Trabalho de Historiografia da Lingüística Brasileira, junto à ANPOLL, grupo que se constituiu com o objetivo fundamental “em mergulhar na reflexão e análise das continuidades e descontinuidades das tradições nacionais de investigação sobre a linguagem”.

O segundo aspecto a ser salientado em relação às *notícias críticas* publicadas em *A Cigarra* é o interesse que Mattoso Câmara manifestava, ainda que envolvido em intensa atividade acadêmica e produção intelectual, com o que então se publicava no Brasil no campo do estudo da linguagem, desde as obras mencionadas de alguns dos nossos filólogos mais proeminentes, passando por trabalho referente à alfabetização dos índios terena em sua própria língua, pela monografia sobre linha de pesquisa que estava “vivamente interessando a filologia do nosso tempo” – a estatística lingüística – até os livros sobre o ensino do Português, uma constante em sua obra.

Salientemos agora algumas posições, que reputo merecedoras de destaque, assumidas pelo lingüista brasileiro ante os livros avaliados em sua colaboração em *A Cigarra*.

1. Em relação à *Gramática do latim vulgar* de Maurer, Mattoso Câmara faz a ressalva de que “O título de Gramática não deve ser interpretado literalmente: o latim vulgar não se presta a uma descrição ‘gramatical’, no sentido estrito do termo, porque não é um ‘sistema’ lingüístico usado num determinado momento e num determinado lugar por uma sociedade homogênea e coesa. É um conjunto de usos e inovações processando-se através dos tempos no território do domínio romano”. Salienta, pois, Mattoso Câmara a necessidade de se considerar, no estudo do latim vulgar, a variedade lingüística diacrônica e sincrônica, que ele comporta. Mesmo Maurer partindo do postulado “de que o latim vulgar fixou as suas características gerais básicas no início da época imperial e dentro da cidade de Roma”, Mattoso Câmara se opõe a que tal estudo tenha como resul-

² CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Dispersos*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1972.

tado uma ‘Gramática’, “senão um apanhado das mais profundas tendências que iam distanciando o latim vulgar da ‘gramática’ da língua literária”.

Na sua *notícia crítica* do livro de Maurer há ainda a sublinhar uma passagem que serve para bem caracterizar o professor e o intelectual Mattoso Câmara. Salientando que Maurer “evita outras idéias e conclusões modernas que estão estabelecendo uma revisão e reformulação de problemas em lingüística românica”, “talvez porque tenha receado provocar um impacto perturbador no nosso ensino universitário de letras ainda incipiente”, Mattoso firma sua posição a que procurou manter-se coerente ao longo de sua carreira: “De minha parte não concordo com tal receio e estou certo de que impactos desses são antes salutares e estimulantes”. Frase que não poderia ser mais representativa da trajetória acadêmica do lingüista brasileiro.

2. No tocante à edição de textos escritos, além de saudar, como já se evidenciou, como um dos aspectos promissores da filologia contemporânea no Brasil a atenção que lhe vêm merecendo os autores nacionais, Mattoso Câmara assume um posicionamento contrário ao das edições críticas sobrecarregadas de comentários dispensáveis:

Darcy Damasceno (...) empreendeu um trabalho de grande oportunidade e genuinamente filológico, embora ele tenha absterido das copiosas notas, de praxe entre nós em edições desta natureza, as quais, entretanto, muitas vezes extemporâneas, desviam até da obra a atenção do leitor. O que se espera do organizador de uma edição crítica é, antes de tudo, lucidez na adoção e colação dos textos, respeito escrupuloso a eles e trato perspicaz em resolver-lhes as dúvidas e confusões.

3. Na *notícia crítica* à *Iniciação à Filologia Portuguesa* de Gladstone Chaves de Melo, com base na 2ª edição refundida e aumentada (1957) – obra que, segundo Mattoso Câmara, “apresenta idéias sólidas, ponderadas e claras, de que devem tomar conhecimento todos os nossos professores de língua materna” – o lingüista brasileiro assinala uma fundamental mudança na posição do filólogo, “quando, na linha de Meillet, prefere que se chame Lingüística Portuguesa e não Filologia Portuguesa o estudo científico da nossa língua”. Na verdade, os filólogos sempre reivindicaram para si o estudo científico da língua, como se pode atestar nesta passagem de Serafim da Silva Neto (1976, 9): “Infelizmente, não se pode dizer que tenha havido, sempre, o mesmo interesse absorvente pelo estudo científico do português, pela investigação metódica das suas fases, da sua história, do estudo em nível universitário, de Filologia Portuguesa, em suma”.³ Considere-se ainda que Gladstone Chaves de Melo

³ SILVA NETO, Serafim. *Introdução ao estudo da filologia portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Grifo, 1976

altera, na 4ª edição (1970) desta obra, o seu título para *Iniciação à Filologia e Lingüística Portuguesa*, em razão, declarada no prefácio desta edição, da “mudança de inteligência que entre nós sofreram a Filologia e a Lingüística, sobretudo nestes últimos cinco anos”.

4. O ensino da Língua Portuguesa foi contemplado nas *notícias críticas* de *A Cigarra* com comentários sobre quatro livros publicados ao final dos anos 50.

Da *Pequena Gramática* de Adriano da Gama Kury, trabalho que alcançou sucessivas edições, podemos primeiro ressaltar a posição favorável de Mattoso Câmara à elaboração da Nomenclatura Gramatical Brasileira como uma iniciativa do Ministério da Educação e mesmo, de maneira geral, ao resultado alcançado. A obra de Kury, “uma sucinta gramática fundamentada nessa classificação”, é analisada pelo lingüista brasileiro como “precioso material, que vale pela segurança doutrinária, pela clareza da exposição e pelo equilíbrio das idéias”. Da *Didática Especial de Português*, de Leodegário Amarante de Azevedo Filho, ressalta a preocupação do autor com a “pedagogia lato sensu e com a psicologia do adolescente, utilíssimo assim aos professores de português que em regra não praticam uma psicologia estruturada num sistema coerente”. Dos *Exercícios de Português*, de M. Cavalcanti Proença, colho uma passagem que reputo expressiva, e propiciadora de reflexão muito atual, quanto à elaboração do material didático: “aqui se vê como é vantajoso que as obras elementares sejam feitas por pessoas igualmente capazes de outras de nível muito mais alto. Ao contrário do que às vezes se diz, o conhecimento profundo da língua não prejudica o professor elementar de português, mas antes lhe dá a visão exata para ser eficiente dentro da verdade lingüística”. Dos *100 textos errados e corrigidos*, de Hamílton Elia e Sílvio Elia, obra que também alcançou sucessivas edições, representando uma orientação de ensino muito generalizada entre nós no final dos anos 50, Mattoso Câmara confessa “não ser do seu agrado esse tipo de aprendizado da língua: pois, além de psicologicamente contra-indicado (uma vez que tende a fixar na memória o errado ao lado do certo), desgarrar-se não raramente numa formulação artificial como reunir numa mesma frase erros díspares, porque privativos de vários níveis mentais e sociais diversos”. O desacordo de Mattoso Câmara contra a orientação geral do livro não o impede de manifestar o seu “alto apreço” pelos dois autores e de reconhecer que a obra “enseja um debate dos mais lúcidos sobre vários pontos incertos ou contravertidos”.

Mattoso Câmara dedica ainda parte de uma de suas *notícias críticas* de *A Cigarra* à obra *O ensino de latim* (doutrina e métodos), de Sílvio Elia, concordando com a visão do autor “do que deve representar o ensino do latim para o brasileiro de boa instrução: em primeiro lugar, um background para compre-

ender a estrutura da sua língua materna, duplamente, pela origem e pela ação da erudição clássica, que desde o século XV tanto a enriqueceu; em segundo lugar, um meio de penetrar na cultura antiga, que, como matriz do mundo ocidental moderno, tem de ser conhecida em profundidade para a compreensão de nossa própria cultura”.

5. Presente às *notícias críticas* de *A Cigarra* está a visão antropológica da linguagem de Mattoso Câmara, manifestada amplamente através de sua carreira (seu trabalho na Divisão de Antropologia do Museu Nacional) e de sua produção acadêmica (com as publicações referentes ao estudo das línguas indígenas brasileiras). Em *A Cigarra*, Mattoso Câmara comenta a *Cartilha Terena*, fascículo publicado sob o patrocínio do Conselho Nacional de Proteção aos Índios. O lingüista brasileiro mostra-se adepto do então novo método preconizado para a alfabetização das populações nativas: alfabetizá-las na própria língua, “em vez de lhes ensinar com ingentes esforços e parcos resultados, em inglês, em espanhol, em russo, em português, mais ou menos de trapos, e sobre tal base precária e inexistente procurar ministrar-lhes a faculdade de leitura e escrita”. Assim, conclui Mattoso Câmara, “o nativo de cultura primitiva amplia a sua visão cósmica através de uma estrutura lingüística que espontaneamente domina, e racionaliza o seu conhecimento dessa estrutura, aprendendo a aplicá-la como língua escrita (...)”.

Com esta exposição quis apenas resgatar as doze *notícias críticas* de Mattoso Câmara nas páginas de *A Cigarra*, que me foram dadas por ele entre os anos de 65 e 67. Creio estar assim contribuindo, ainda que modestamente, para a preservação da memória da lingüística brasileira, documentando e levantando as principais idéias e posições do nosso primeiro lingüista em textos em geral desconhecidos do mundo acadêmico. Desta maneira, dou prosseguimento ao meu projeto de continuar relendo a produção mattosiana. Depois de alguns textos publicados sobre aspectos abrangentes e centrais de seu pensamento, tenho me detido agora em apresentar ou lembrar, analisando-os, trabalhos seus ignorados ou esquecidos, como a coleção didática, em três volumes, *Elementos de língua pátria* (1935 – 1938), merecedora de um estudo meu em colaboração com Maria Christina de Motta Maia, publicado no número 2 (p. 29-40) de *Gragoatá* (revista do programa de pós-graduação do Instituto de Letras da UFF). A análise desta série didática nos levou a concluir “já estarem embutidos no professor de Português de *Elementos de língua pátria* o pioneirismo, o rigor científico e o embrião de muitas propostas desenvolvidas, em décadas posteriores, pelo então futuro lingüista.”

Certo é que a obra de Mattoso Câmara continua aberta a estudos. Provam sobejamente tal afirmação as duas teses e uma dissertação que a ela foram dedicadas na Universidade de São Paulo em 1998: a tese de livre-docência de

Valter Kedhi: *A morfologia e a sintaxe portuguesa na obra de J. Mattoso Câmara Jr.*; a tese de doutorado de Nilda Santos Cabral: *Edição crítica de textos científicos*: proposta de edição crítica de “Princípios de Lingüística Geral” de Mattoso Câmara Jr. e a dissertação de Ângela Maria Ribeiro França: *Texto e contexto nos escritos lingüísticos de Mattoso Câmara (1938-1954)*.

Concluindo, diria que as *notícias críticas* de Mattoso Câmara em *A Cigarra* evidenciam a sua postura extremamente simpática, sem abalar a do crítico atilado, em relação aos seus antecessores e coevos. Iniciador de um novo discurso sobre o estudo da linguagem em nosso país, o lingüista brasileiro soube sempre reconhecer o mérito da contribuição de um grupo de filólogos brasileiros dos mais capacitados, que investigaram, com fundamentação e rigor, o português com outros interesses dos dele, produzindo obras de inestimável e permanente valor.
